

Albert Speer foi o segundo homem mais poderoso do Reich e o amigo mais íntimo que Hitler teve. Os especialistas dizem que por sua ação pessoal êle prolongou a guerra por dois anos. Agora, após duas décadas na prisão, êle fornece novas imagens daquele homem incrível conhecido como o Führer

JAMES P. O'DONNELL

ULLSTEIN—PHOTO REPORTERS



Albert Speer (à direita) com Hitler e um ajudante

*Condensado do  
Suplemento Dominical  
do TIMES de Nova York*

## Arquiteto do Diabo

**A**LBERT SPEER, arquiteto pessoal de Adolf Hitler, grande construtor e Ministro do Armamento durante a guerra, foi o único a declarar-se culpado no julgamento de crimes de guerra de Nuremberg. Cumpriu 20 anos na Prisão de Spandau em Berlim por empregar trabalho escravo em tempo de guerra e foi libertado em outubro de 1966.

Agora com 65 anos, Speer tem ca-

belo grisalho ralo e espêssas sobran-celhas pretas. Com 1,80 m de altura e espigado, foi de longe o homem mais bonito do excêntrico séquito de Hitler. Era também o mais racional e inteligente—uma personalidade de Brahms perdida entre wagnerianos e piores. Conversei recentemente com Speer durante longas horas em sua casa de Heidelberg.

Sôbre a mesa estava um exem-



plar de suas memórias, acabado de sair da impressora. A única lembrança visível do passado era uma planta em sépia da Prachtstrasse, emoldurada, que êle fizera de acôrdo com minuciosas especificações de Adolf Hitler. Essa grandiosa avenida de quase cinco quilômetros de comprimento, formando um eixo norte-sul no coração de Berlim, deveria ser concluída em 1950 ao custo de um bilhão e 200 milhões de dólares. Berlim, que passaria a se chamar "Germânia", deveria ser uma cidade de 10 milhões de habitantes em um Reich de 140 milhões de alemães dominando a Europa.

Disse Speer: "Guardo êsse esbôço como prova de como pode ir longe a megalomania. E não só a de Hitler. Pois eu fui o ambicioso e arrebatado arquiteto que traçou êsse plano doido. Mas serei hoje aquêle mesmo homem? Sinceramente, não sei."

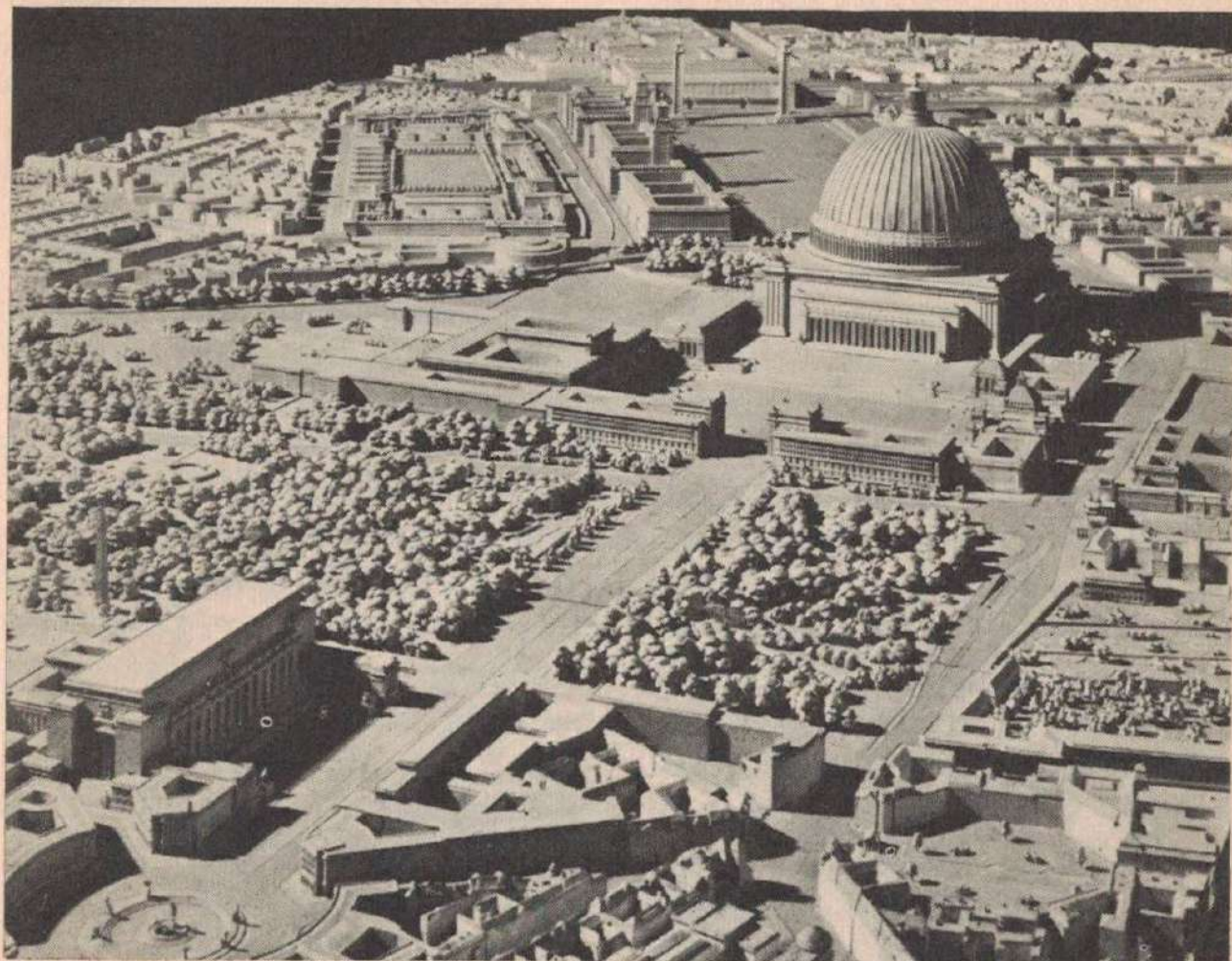
Speer indicou detalhes da planta. Ao sul, perto do aeródromo de Tempelhof, o plano previa uma estação ferroviária três vezes maior do que a Grand Central de Nova York. No centro ficava a Adolf Hitler Platz, onde em cada 1.º de Maio marchariam um milhão de trabalhadores. Em uma avenida de 120 metros de largura—quase o dôbro dos Champs Elysées—havia um nôvo Führerpalast, 70 vezes maior do que a Chancelaria de Bismarck. Tinha um hall de recepção para diplomatas de quase 500 metros de comprimento. Haveria um Reichstag quatro vezes maior do que o antigo, além

de um imenso quartel para a Guarda de Elite SS, um prédio para o Estado-Maior das Fôrças Armadas, embaixadas, edifícios públicos. Na extremidade norte o conjunto seria dominado pela Kuppelhalle, uma catedral secular vagamente inspirada no Panteão, mas com uma cúpula de cobre suficientemente vasta para abranger sete vezes o domo da Catedral de São Pedro. E encimando a cúpula, atingindo as nuvens, uma águia imperial alemã de asas abertas de quase 15 metros de altura.

Já em 1937, para o aniversário de Hitler, Speer havia construído um modêlo ultra-secreto em madeira do bulevar—quase dois metros de altura e 36,50 m de comprimento—que instalara em seu gabinete na antiga Academia de Belas-Artes, na Pariser Platz. Hitler dispunha de uma passagem particular que ia da Reichskanzlei vizinha, e freqüentemente por volta da meia-noite, às vezes com amigos íntimos, êle dava uma chegada lá para exhibir seu maior sonho. Uma noite êle indicou a águia com o emblema nacional nas garras. "A águia não ficará mais acima da suástica; aqui ela dominará o globo." Imediatamente Speer substituiu a suástica pelo globo terrestre nas garras da águia.

**Quando Artistas se Reúnem.** Filho e neto de arquiteto, Speer nasceu num ambiente da alta classe média da Alemanha meridional. Estudante na turbulenta década de 20, trocou Heidelberg por Berlim em 1925. Era





*Parte da projetada Prachtstrasse em Berlim com Kuppelhalle*

professor da Universidade Técnica de Berlim, não muito interessado em política. Seus alunos levaram-no a ouvir Hitler em um de seus comícios e êle ficou impressionado. “O homem era moderado, racional e capaz de dominar com voz bem suave todos os que faziam perguntas. Eu esperava ver um fanático camisa-parda, e encontrei um homem de terno escuro bem talhado e que se portava como um estadista.” Pouco depois os nacional-socialistas tinham o filiado n.º 474.481 que lhes prestava serviços em seu carrinho esporte B.M.W.

Mas seu primeiro encontro com Adolf Hitler só ocorreu depois que Hitler já era Chanceler, e Speer levou-lhe seus projetos para o estádio destinado a comemorações do partido em Nuremberg. “Depois encontrei-o diversas vezes visitando obras em Berlim em 1933. Um dia êle me disse casualmente: ‘Por que não aparece para almoçar?’ Aceitei àvidamente, mas 10 minutos depois caiu-me uma pelota de barro na roupa e desculpei-me. ‘Não seja por isso’, disse Hitler. ‘Meu camareiro limpa.’

“No almoço êle me deu para vestir



um de seus casacos azuis e sentou-me ao seu lado. À mesa Goebbels, de olhos esbugalhados, notou que o casaco tinha a insígnia dourada do partido privativa de Hitler. Irritado, disse em voz alta: 'O senhor está usando o emblema do Führer; êsse casaco não é seu.' Hitler explicou simplesmente: 'Você está certo; o casaco é meu.'” Uma carreira havia começado.

Não há dúvida de que Hitler deslumbrou Speer desde a primeira hora. E o Führer gostava daquele rapaz, a quem considerava um colega artista, o que foi sempre o mais elevado elogio de Hitler. Uma vez mais o jovem Fausto encontrava o seu Mefistófeles. “Fiquei sendo o arquiteto do diabo.”

Speer era um jovem arquiteto talentoso, porém apenas um entre muitos em Berlim. Mas Hitler parecia ver nêle a concretização de seu desejo frustrado de ser arquiteto. Os desenhos do jovem Hitler foram rejeitados pelos professôres da Escola de Belas-Artes de Viena, uma decisão que abalaria o mundo. “E por isso”, diz Hitler na mais importante frase de *Mein Kampf*, “resolvi ser político.”

É incrível, mas agora sabemos por Speer que Hitler, na paz e também na guerra, passava pelo menos tanto tempo examinando plantas de construção quanto mapas militares, e muito mais tempo concentrado nos dois que nos assuntos normais de Estado. E havia uma conexão íntima entre essas duas atividades.

“Alguns críticos disseram que gastei demasiado tempo em minhas memórias descrevendo Hitler como um arquiteto frustrado, e me referi apenas ligeiramente às chamadas cifras milagrosas de produção de minha carreira no Ministério do Armamento (Speer dobrou, e em alguns casos triplicou, a produção alemã entre 1942 e 1944). Mas eu creio que aí está pelo menos uma pista para se entender aquêle homem estranho. A Arquitetura não era a vocação de Hitler: era sua obsessão. E muito antes do fim eu soube que êle não estava destruindo para construir, mas construindo para destruir.”

Speer depôs em Nuremberg: “Creio que se algum dia Adolf Hitler teve um amigo, êsse fui eu.” O que quis êle dizer com isso?

“Bem”, respondeu-me, “eu quis dizer que Hitler podia fascinar, espojar-se no seu carisma, mas era incapaz de amizade. No âmago, no lugar onde devia ter o coração, Hitler era ôco. Todos nós que imaginávamos estar na intimidade dêle acabávamos sentindo isso, embora devagar. Todos éramos apenas projeções de sua vaidade imensa. Assim foram também todos os edifícios que eu projetei para êle.

“Não obstante, Adolf Hitler foi o meu destino”, continuou. “Eu estava encantado. Êle era realmente *der Führer*, o líder, o guia, porém também era *der Verführer*, isto é, o anti-líder; tentador, Mefisto, mistificador. O ímpeto do homem—sua vontade férrea, seu demonismo—fasci-



nava mesmo enquanto repelia. Hitler era o Terceiro Reich. Todos os demais éramos lanceiros, adutores ou pior ainda.

“Um quarto de século já se passou, e muita coisa mudou. Minha convicção juvenil de que Adolf Hitler era o salvador da pátria estava absolutamente errada. Quanto mais tempo passava ao lado d'ele mais me convenciam—contra a minha vontade—do superficialismo do homem por trás da imagem do grande construtor. Hitler era um demagogo consumado, um ator hábil diante de uma grande variedade de auditórios hipnotizados, um homem que mentia a todos e, em última análise, a si mesmo.”

**Turista em Paris.** O livro de Speer—escrito secretamente em pedaços diversos de papel enquanto esteve em Spandau, e reescrito posteriormente—dá-nos provavelmente o melhor retrato de Hitler que chegaremos a ter. Aqui estão dois dos muitos momentos históricos que êle descreve.

Hitler em seu ninho de águia no alto de Berchtesgaden, na noite em que foi divulgado seu pacto com Stalin, 23 de agosto de 1939: “Perto de meia-noite, estávamos um grupo em pé no terraço do Berghof e assistimos a um espetáculo fantástico da natureza. Durante mais de uma hora uma intensa aurora boreal cintilou e pulsou através do legendário Untersberg, predominando o tom avermelhado. Tôdas as côres do arco-íris brincavam no céu. O último ato do *Crepúsculo dos Deuses* não pode-

ria ter melhor cenografia. Os rostos e as mãos de todos os presentes assumiram um fantástico colorido vermelho. Isso induziu um estado de ânimo lúgubre. Hitler virou-se para seu ajudante-de-ordens e disse: ‘Isto significa muito sangue. Desta vez não venceremos sem usar de força.’”

A segunda passagem, 10 meses mais tarde, descreve a primeira e última vez que Hitler viu Paris. Hitler admirava a cidade e havia estudado seu traçado e prédios históricos minuciosamente. Em 23 de junho de 1940, o dia seguinte à cerimônia do armistício no vagão-dormitório em Compiègne, Hitler com um pequeno séquito chegou a La Bourget às 5h 30min da manhã.

“A excursão durou menos de quatro horas. Vagamos pelas ruas vazias em três Mercedes prêtos. A primeira parada foi na Ópera. Estava amanhecendo, mas os candelabros brilhavam como em dia de festa. Um funcionário estava lá para acompanhar-nos na visita. Hitler ficou enlevado com a grande escadaria, o salão de entrada, as poltronas de veludo côm de framboesa. Súbitamente seu olho atento a pormenores reparou que alguns camarotes estavam faltando. Nosso guia explicou-lhe polidamente que sim, tinham sido modificados por volta de 1915. O Führer ficou satisfeito. Quando saíamos, êle disse a um auxiliar para dar uma gorjeta ao homem, 50 Reichsmarks. O francês recusou, dizendo cortêsmente, mas com frieza, que apenas cumprira o



seu dever. Só então o conquistador se deu conta da *gaffe*.

“Aí corremos para a Madeleine, pelos Champs Elysées, para o Arco do Triunfo, o Trocadero, depois atravessamos o Sena para ver a Tôrre Eiffel e os Inválidos. Finalmente subimos Montmartre indo até ao Sacré-Coeur.

“Naquela noite o Führer estava encantado: ‘Speer, Paris não estava linda? No passado, muitas vezes pensei se não teríamos de destruir Paris. Mas agora, de Berlim, poderemos colocar Paris na sombra.’ A forte insinuação de seu vandalismo latente fêz-me estremecer. Nessa mesma noite, na aldeia francesa onde estávamos por motivos de segurança, êle me determinou urgência máxima no planejamento urbanístico da nova Berlim.”

“Não nos demoramos muito no Arco do Triunfo”, contou-me Speer, “porque Hitler já me havia mostrado, cinco anos antes, o esboço de seu arco triunfal, que deveria levantar-se na Prachtstrasse. Naturalmente tinha o dôbro do tamanho do arco francês—e o esboço datava de 1925! E onde estava o desconhecido Adolf Hitler em 1925? Êle acabava de ser libertado da Prisão de Landsberg e vagava sem rumo pela Baviera. Mas projetou o seu arco triunfal, e com muita minúcia. Agora creio que o senhor entenderá o que eu quero dizer com a ligação entre suas plantas e suas agressões.

“Eu acredito que os impulsos básicos de destruição de Hitler estavam

nêle desde tenra idade. A maioria de suas idéias dominantes provinha ou daqueles cafés de Viena ou da Primeira Guerra Mundial. Não creio mais que tenha sido em 1941 ou 1942 que êle decidiu massacrar os judeus. Êste, o mais monstruoso de seus crimes, foi concebido no início da sua juventude. Ouvi-o muitas vêzes discutir seus planos futuros para os eslavos e outros povos que êle classificava de inferiores, mas o destino dos judeus era assunto proibido em sua roda. O próprio Goebbels jamais o mencionou na presença de Hitler.”

“**Cinco Minutos Antes da Meia-Noite**”. Nos anos em que os exércitos alemães dominaram o Continente, Speer foi chamado o tecnocrata de Hitler, e durante dois anos talvez fôsse o segundo homem mais poderoso do Reich. Finalmente foi compelido à resistência quando viu, horrorizado, que o líder que idolatrava não só se encaminhava para o precipício como estava resolvido a levar a Europa com êle. O ponto crítico foi a penetração americana na Normandia. Nessa altura Hitler parecia determinado a recorrer à política de terra arrasada em tôda a Europa Ocidental.

Mas êsse monstruoso vandalismo exigiria especialistas industriais—exatamente as pessoas que estavam acostumadas a receber ordens do ministério de Speer, muitas vêzes diretamente do próprio ministro. Speer usou seu prestígio para acobertar seu pessoal. Igualmente, tendo observado que agressão e audácia



eram os únicos argumentos que influíam em Hitler, conseguiu persuadi-lo a assinar a seguinte Führerbefehl (ordem especial):

“O Führer está convencido de que pode reconquistar os territórios atualmente subjugados no Ocidente em muito pouco tempo. Tôdas as medidas de evacuação devem ser olhadas sob êsse aspecto. Fábricas, minas e usinas elétricas devem ser incapacitadas, mas não destruídas.”

Em fevereiro de 1945, sete meses depois do fracasso do atentado a bomba de 20 de julho, Speer—que não tivera ligação com a tentativa anterior—tentou êle mesmo eliminar Hitler. Pediu a um conspirador que lhe arranjasse o mortífero gás Tabun. Speer pretendia introduzir o gás no respiradouro do abrigo de Berlim, que êle próprio construía. Sabia que êsse respiradouro estava oculto atrás de umas moitas. Escolhendo a hora da reunião da tardinha, esperava descartar-se também de Goebbels, Bormann e Ley. Quinze dias se passaram para que Speer conseguisse o gás, e então descobriu que uma vez mais a excepcional intuição de Hitler havia funcionado. Nesse ínterim o Führer havia mandado acrescentar à entrada do respiradouro uma chaminé de três metros e meio—iluminada à noite por holofotes e guardada pela SS.

“Nessa altura meus nervos estavam completamente em frangalhos”, diz Speer. “O meu eu racional dizia-me que Hitler tinha de ser eliminado antes que arrastasse tudo com êle pa-

ra o fundo. Mas quando o meu plano falhou, paradoxalmente senti-me aliviado. No dia seguinte voltei-me para outros problemas aflitivos.”

Mas em diversas ocasiões naquele período—“cinco minutos antes da meia-noite no relógio da História”—encontramos Speer voltando de avião a Berlim sitiada, com grande risco para a sua vida, tanto dentro como fora da casamata. Encontra-se lá, por exemplo, em seu 40.º aniversário em meados de março de 1945, e hipòcritamente pede a Hitler o que nunca lhe pedira antes: um retrato autografado, emoldurado em couro vermelho e prata e com iniciais de ouro. Hitler dá-lhe cordialmente o retrato, comentando que a mão lhe treme tanto que mal pode escrever a dedicatória.

Speer então entrega um memorando de 22 páginas salientando uma vez mais que a guerra está perdida e que Hitler tem de assumir as conseqüências. Noutro tempo o Führer tinha observado a um auxiliar de Speer: “Ah, Speer é o melhor de todos êles.” Agora êle é de nôvo o velho Hitler e arranca a máscara do fingimento: “Se a guerra está perdida, o povo alemão perecerá também...”

Sem embargo, em 20 de abril, o 56.º e último aniversário de Hitler, 10 dias antes do fim, Speer novamente desce os 50 degraus para entrar no abrigo de Berlim. Volta lá três dias depois para um adeus final. A Reichskanzlei, que êle construía sete anos antes, já está debaixo do fogo da artilharia russa. Hitler distraída-



mente aperta-lhe a mão, troca umas poucas generalidades. O Führer parece indiferente e cansado. Despacha Speer sem se despedir.

**Eva Braun.** Desobedecendo também às ordens de Hitler, Eva Braun viera de avião de Munique. "Para os historiadores futuros", comenta Speer, "Eva Braun será provavelmente um desapontamento. Quem a encontrava pela primeira vez—não foram muitos os que a conheceram—achava-a desenvolta e arrogante. Mas isso era uma fachada para esconder sua timidez e infelicidade. Não era nenhuma beleza, era um tanto petulante, mas tinha pernas muito bonitas—o tipo da caixeirinha romântica da Baviera. Tinha olhos límpidos de um azul de porcelana, usava jóias baratas que o amante lhe dava todo dia de Natal. Gostava de dançar, de esquiar, de fumar e beber, atividades que Hitler detestava. Não tinha interêsse pela política.

Hitler mantinha sua Eva no alto de Obersalzberg como um fantoche numa casa de bonecas. Era parte do ambiente, como a gaiola do canário, a seringueira, o cacto e os horríveis relógios de pêndulo de corrente. Quando havia casais convidados, Hitler fazia um jogo complicado para disfarçar o evidente. Em muitas reuniões sociais Eva era banida para cima. Lá ao menos podia fumar, beber e ouvir sua coleção de discos de jazz.

No inverno Speer e a mulher iam esquiar com ela. Nos anos de guerra, quando Hitler passava cada vez mais

tempo ocupado em Rastenburg, seu "Covil do Lobo" na Prússia Oriental, deixava Eva viajar para Zurs, no Tirol austríaco—incógnita—para dançar com jovens oficiais de licença da frente de batalha.

Eva presidia à mesa do almoço e do jantar quando não havia convidados especiais. Às vezes ela ficava um tanto embriagada e referia-se timidamente a si mesma como "*Landesmutter*" (primeira dama) e Hitler chamava-a em dialeto bávaro "*Tschapperl*" (apelido carinhoso para uma pessoa inócua, um tanto desajeitada, geralmente mulher ou criança). Muitas vezes à mesa a conversa dêle ficava bastante grosseira. Dizia que preferia mulheres bonitas a mulheres inteligentes. Eva corava ante o desprezo dêle pelo casamento, e nunca tinha certeza de sua posição. Quando êle fêz 50 anos, insistiu em dar a entender que não se incomodaria se ela escolhesse outro amante mais mômço.

A rotina noturna consistia em jantar, dois filmes (inclusive muitos de Hollywood proibidos na Alemanha), em seguida uma maratona de tagarelíce e banalidades ao pé da lareira. Quer em Berlim quer em Berchtesgaden, Hitler era um noctívago. As noites sempre terminavam com Hitler e Eva subindo juntos para o andar de cima.

Speer continua: "Eva é apenas uma nota ao pé da página na História, porém permitam-me dizer que aquela mômça foi para a morte com grande dignidade e calma. Ela amava Adolf Hitler. Mas, uma vez mais,



a relação era unilateral. Êle se servia dela.

“Vi Eva Braun pela última vez em 23 de abril de 1945. Ela era a única pessoa do abrigo que não pensava exclusivamente em si mesma. Eu tinha viajado 10 horas para chegar lá e não comia fazia 24 horas. ‘Herr Speer, você deve estar com fome’, disse-me ela, e preparou-me um lanche. Abriu uma garrafa de Moët et Chandon e relembramos ligeiramente os velhos tempos e uma mesa que eu desenhara para ela, e despedi-me. Quando soube mais tarde em Nuremberg que ela conseguira casar-se com o homem que amava, 40 horas antes da morte dos dois, fiquei feliz pela pobre môça. Ela fôra muito humilhada em sua vida.”

**Um Verniz de Civilização.** Speer nunca pertenceu à hierarquia do Partido Nazista, mas ao longo das 610 páginas de seu livro pavoneiam-se os conhecidos paladinos—sinistros, corruptos, enfadonhos, freqüentemente ridículos.

“Parte do meu serviço”, diz êle, “era reparar os danos causados pelas bombas em nossas grandes cidades. No meio das cidades antigas—Colônia, Francforte, Munique—o núcleo histórico é naturalmente a catedral. Fiquei estupefato ao verificar que durante os ataques aéreos os *gauleiters* estavam dando ordens para que deixassem as catedrais arderem e se combatessem outros incêndios primeiro. ‘Depois da guerra vamos ter mesmo um ajuste de contas com êsses malditos padres e ministros’,

disse um dêles. ‘Agora poderemos pôr a culpa da destruição de suas casas de culto nos bárbaros pilotos de língua inglesa, e a Domplatz ficará livre para monumentos à grandeza nazista.’

“Agradecemos a Deus pelo fato de pedra não arder facilmente”, continua Speer. “Se Hitler tivesse vencido a guerra, estou certo de que hoje não haveria igrejas cristãs na Alemanha. Meus próprios filhos (êle tem quatro rapazes e duas môças) provavelmente teriam sido postos em uma das ‘*Ordensburgen*’ de escol! A devastação das tradicionais elites alemãs começou pelos judeus; teria prosseguido implacavelmente. Descobri como é fino o verniz de civilização, e ainda estremeço.

“Desde que me tornei chefe da produção em 1942, percebi que a guerra de Hitler não poderia ser ganha. No ano anterior êle imponentemente declarara guerra aos Estados Unidos e à União Soviética, cada um dos quais possuía uma capacidade de produção de aço que tornava a nossa risível. Minha motivação patriótica foi procurar evitar a derrota total, produzir armas suficientes para agüentar algumas das frentes, construir bastantes caças para defender as fábricas e os céus alemães.

“Em janeiro de 1944 minha saúde não suportou a tensão. Um velho ferimento no joelho agravou-se, produzindo problemas circulatórios, fiquei de cama na clínica de Hohenlychen, ao norte de Berlim.”

Com espanto Speer constatou que a clínica era administrada pela SS,



dirigida pelo Dr. Karl Gebhardt, um Gruppenführer SS que Himmler fizera igualmente Presidente da Cruz Vermelha Alemã. (Gebhardt foi enforcado em 1948.) Speer verificou que estava ficando cada dia mais fraco. Telefonou para Berlim pedindo um médico em quem pudesse confiar, e êsse especialista, após violenta altercação com Gebhardt, transferiu Speer para uma casa de convalescença nos Alpes italianos. A suspeita foi de que Himmler—sequioso de poder e cheio de ciúme burocrático—dera ordens para não acelerarem a cura do importante paciente.

—Quer dizer matarem-no?—perguntei.—O senhor, ministro favorito de Hitler?

—Isso mesmo, mas duvido que a essa altura ainda eu fôsse o ministro favorito. O Führer ainda achava tempo para visitar-me, mas pude notar um esfriamento na amizade.

Perguntei a Speer:

—Hitler desconfiava que Göring poderia ter sabotado o avião em que morrera o seu antecessor, Dr. Fritz Todt? Êle sabia que Bormann solapava todo mundo. Agora Himmler põe-se em campo para liquidar o senhor. Então Hitler não se preocupava muito com as conspirações para matar seus ministros?

—Exatamente. Êle era um político até à ponta dos dedos, e qual a melhor maneira de impedir os ministros de conspirarem contra êle do que deixá-los se degolarem uns aos outros? Seu único critério era o de lealdade absoluta a êle. E êle precisava da lealdade de Himmler—a força da polícia estava nas mãos de Himmler.

**O Homem é a Medida.** “Minha vida normal não terminou em Spandau, mas em Nuremberg”, diz Albert Speer. “E não no dia em que me declarei culpado, mas no momento em que me mostraram a fotografia de uma família judia—pai, mãe, filhos—caminhando para o pelotão de fuzilamento. A foto foi tirada na Rússia.

“Eu poderia escrever uma biblioteca inteira registrando minha tristeza—mas isso não faria voltar à vida uma única criança. Por isso escrevi um único livro. O único direito que tenho, creio, é o de advertir.”

Numa noite de outubro de 1966 Speer foi libertado da Prisão de Spandau—sob o fulgor ofuscante das luzes e câmaras de televisão, que êle nunca vira antes. “É um choque de fato”, diz êle. “A gente sai cá para fora e encontra as criancinhas que conheceu já homens e



*Albert Speer atualmente*



mulheres feitos. Mas ajustar-se à liberdade é uma tarefa agradável.”

Os Speer vivem modesta mas confortavelmente. Frau Speer tem independência financeira, e os adiantamentos sobre as memórias de Speer só por si já chegaram a 90.000 DM (20.000 dólares) nestes últimos três anos. Além disso, êle tem trabalhado ocasionalmente como consultor de arquitetura para indústrias da Alemanha Ocidental.

“Nos últimos três anos estive bastante ocupado com o livro, mas mesmo assim minha mulher e eu encontramos tempo para ir ao teatro ou a concertos, visitar museus e galerias de arte, prédios antigos, tôdas as coisas que achamos tão pouco tempo para fazer durante o Reich de Mil Anos. Mas gostamos principalmente de andar.”

No meu último encontro com Speer, nossa conversa girou sobre o que teria sido aquela estranha megalópole chamada Alemanha. Speer disse:

“Deixe-me contar-lhe uma anedota da safra de 1938. Segundo ela —apenas sussurrada naquela época— Albert Speer encontrou-se uma noi-

te com Wilhelm Furtwaengler no vestibulo da Filarmônica, e o grande maestro disse: ‘Albert, deve ser formidável ser o primeiro arquiteto do Reich, e ter um país inteiro para projetar de nôvo.’

“‘Sim’, teria eu respondido, ‘mas há uma desvantagem. Você gostaria de receber ordem de tocar a Nona Sinfonia em uma gaita?’”

Speer continuou: “Sabe como é, como alemão meridional ainda tenho grande afeição pela cidade de Berlim —tudo o que ela sofreu, tudo o que agüentou. A cidade retornou ao nível humano. Miguel Ângelo estava certo: o homem é a medida de tôdas as coisas—acima de tudo em arquitetura. Quando rapaz, eu me esqueci disso.

“E há uma coisinha minha que perdura em Berlim. Há poucas semanas, quando eu e minha mulher saímos da Deutsch Oper uma noite, olhei para cima para os lampiões de ferro fundido das ruas. Lentamente me dei conta de que eu os desenhei—há muito, muito tempo. Êles até que não são maus. Pelo menos são funcionais: lançam luz na escuridão.’



### *Não é Caso de Rir*

**S**M COLÔNIA, na Alemanha, uma mulher fêz um curso de aperfeiçoamento comercial. No fim, pediu devolução do dinheiro e mais uma indenização. É que, em consequência do curso, perdera o emprêgo que tinha havia 12 anos. “O professor nos disse para encararmos de frente os nossos piores problemas e rir dêles”, diz ela. “Eu experimentei com o meu patrão.”

—NANA-WNS